

Milliet acusa credor de fazer

São Paulo — Ariovaldo dos Santos

SÃO PAULO — Fernando Milliet, presidente do Banco Central, afirmou que a resistência até agora demonstrada pelos banqueiros europeus e japoneses em participar do pacote de refinanciamento parcial da dívida externa brasileira, nos termos do acordo fechado em Nova Iorque no último dia 6, pode ser explicada em duas palavras: “Jogo de cena.”

— Se eles estiverem arrependidos do acordo que assinaram, voltaremos à estaca zero. Mas eu acredito que tudo isso não passe de jogo de cena — disse Milliet, que veio ontem a São Paulo participar, como representante do ministro Bresser Pereira, da Fazenda, de um seminário sobre investimento no Brasil promovido pela Câmara de Comércio Brasileira na Grã-Bretanha, na sede da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp).

O presidente do BC acredita que o Brasil já demonstrou boa vontade ao assinar o acordo e que, agora, caberia aos bancos cumprirem integralmente a parte deles no trato, qual seja: conseguir os 4,5 bilhões de dólares necessários para refinarçar a dívida brasileira do último trimestre deste ano. “Está fora de cogitação que o Brasil ofereça qualquer estímulo adicional para os bancos participarem do pacote”, garantiu.

Milliet negou que mesmo entre os 14 grandes bancos internacio-



Milliet: sem mentiras

nais que integram o comitê de assessoramento da dívida brasileira esteja havendo dificuldade em conseguir engajamentos para o pacote. Até o início desta semana, o governo ainda não havia recebido a confirmação de adesão total dos 14 grandes bancos ao acordo.

— Eu não vou mentir para ninguém. A contenção de despesas vai ser feita com grande sacrifício e esforço, mas ela não será suficiente para reduzir o déficit público — disse o presidente do BC a respeito dos problemas que o governo enfrentará com a missão do Fundo Monetário Internacional (FMI), que está no país verificando as contas brasileiras.

Segundo ele, o país tem hoje um déficit público da ordem de 5% do Produto Interno Bruto (PIB) e uma pauta de despesas de cerca de 12% do PIB. Assim, raciocina Milliet, para “zerar” o déficit através do corte de despesas seria necessário sacrificar quase a metade dos gastos do governo — uma meta que Milliet apresentou aos empresários presentes ao seminário na Fiesp como “matematicamente impossível”.

A solução para diminuir o déficit, portanto, estaria na soma de um “pequeno” corte de despesas (num percentual que o governo ainda está estudando) e de um ganho fiscal (através do aumento de tributação) de cerca de 4% do PIB — equivalente, segundo o presidente do BC, às perdas líquidas de receita tributária da União nos últimos 10 ou 15 anos. “Não se zera o déficit público apenas acabando com os marajás”, afirmou Milliet. “Quem diz isso está fazendo demagogia.”